

**TUDO MUNDO
DA MINHA
FAMÍLIA**



JÁ

**MATOU
ALGUÉM**



BENJAMIN STEVENSON

**TUDO MUNDO
DA MINHA FAMÍLIA
JÁ
MATOU
ALGUÉM**

BENJAMIN STEVENSON

TRADUÇÃO DE JAIME BIAGGIO



Copyright © Benjamin Stevenson, 2022

Publicado originalmente por Michael Joseph Australia. Tradução publicada mediante acordo com a Penguin Random House Australia Pty Ltd.

O direito moral de Benjamin Stevenson de ser identificado como autor desta obra foi assegurado.

TÍTULO ORIGINAL

Everyone in My Family Has Killed Someone

COPIDESQUE

Angélica Andrade

REVISÃO

Suzana Patrocinio

Theo Araújo

Ulisses Teixeira

DESIGN DE CAPA

Penguin Random House UK (adaptada do design original da Penguin Random House Australia)

IMAGEM DE CAPA

© Shutterstock

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Antonio Rhoden

GERAÇÃO DE E-BOOK

Victor Huguet | Intrínseca

E-ISBN

978-65-5560-688-1

Edição digital: 2023

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

 intrinseca.com.br

 [@intrinseca](https://twitter.com/intrinseca)

 [edoraintrinseca](https://www.facebook.com/edoraintrinseca)

 [@intrinseca](https://www.instagram.com/intrinseca)

 [@edoraintrinseca](https://www.tiktok.com/@edoraintrinseca)

 [intrinsecaeditora](https://www.youtube.com/channel/UC...)

Sumário

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Sumário

Dedicatória

Epígrafe

Mandamentos

Prólogo

MEU IRMÃO

Capítulo 1

MINHA IRMÃ POSTIÇA

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

MINHA ESPOSA

Capítulo 9

MEU PAI

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 14,5

Capítulo 15

MINHA MÃE

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

MEU PADRASTO

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

MINHA TIA

Capítulo 27,5

Capítulo 28

Capítulo 29

MINHA ESPOSA

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

MINHA (ex-) CUNHADA

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

MEU PADRASTO (de novo)

Capítulo 38

MEU IRMÃO

Capítulo 39

MEU TIO

Capítulo 40

EU

Capítulo 41

Epílogo

Agradecimentos

Sobre o autor

Aleesha Paz.

Até que enfim, um para você.

Embora todos sempre tenham sido e sempre serão.

“Vocês prometem que seus detetives farão por bem elucidar os crimes a eles apresentados por meio de sábio juízo, atribuído ao bel-prazer de vocês, e não a depender ou lançar mão da Revelação Divina, da Intuição Feminina, da Prestidigitação, da Ardileza, da Coincidência ou da Ação de Deus?”

Juramento de adesão ao Clube da Detecção, 1930, uma sociedade secreta de autores de mistério da qual faziam parte Agatha Christie, G. K. Chesterton, Ronald Knox e Dorothy L. Sayers.

Marque esta página

1. O criminoso deve ser alguém mencionado no começo da história, mas não um personagem a cujos pensamentos o leitor tenha acesso.
2. Todo desenvolvimento pautado em eventos sobrenaturais e preternaturais estão proibidos.
3. Não se permite mais do que um aposento ou passagem secreta.
4. Está vedado o uso de venenos desconhecidos ou de qualquer recurso que necessite de uma longa explicação científica ao final.
5. Nota do autor: texto histórico culturalmente antiquado suprimido.
6. O detetive não pode contar com qualquer ajuda do acaso nem com uma intuição inexplicável que se prove correta.
7. O detetive não pode ser ele mesmo o autor do crime.
8. O detetive não pode se deparar com quaisquer pistas que não sejam expostas de imediato à inspeção do leitor.
9. O amigo idiota do detetive, o Watson, não pode guardar para si pensamentos que lhe ocorram; sua inteligência precisa estar ligeiramente abaixo da do leitor médio, mas bem de leve.

10. Irmãos gêmeos ou duplos de qualquer espécie não podem constar da história a menos que o leitor tenha sido devidamente preparado para sua presença.

*“Os dez mandamentos da ficção policial”, por Ronald
Knox, 1929.*

PRÓLOGO

Todo mundo da minha família já matou alguém. Alguns, os de grandes conquistas, mais de uma pessoa.

Juro que não estou falando para aparecer, é só a verdade. Quando tive que encarar a ideia de escrever sobre o assunto, por mais difícil que seja com uma mão só, me dei conta de que falar a verdade era o único caminho. Isso é óbvio, mas os livros de mistério modernos às vezes se esquecem disso. Começaram a ficar mais centrados nas artimanhas que o autor pode usar, nas cartas que tem na manga, em vez de nas que tem na mão. O grande diferencial dos livros de mistério da “Era de Ouro”, os de Christie ou Chesterton, é a honestidade. Sei disso porque escrevo livros que ensinam a escrever livros. A questão é que existem regras. Um cara chamado Ronald Knox fazia parte da sociedade e, certa vez, delimitou algumas delas, embora as tenha chamado de “Mandamentos”. Estão na primeira parte deste livro, na epígrafe que todo mundo pula, mas, vai por mim, vale a pena dar uma olhada. Aliás, você deveria é marcar a página. Não vou encher a paciência de ninguém com detalhes, mas em resumo é o seguinte: a Regra de Ouro da Era de Ouro é *jogar limpo*.

Evidentemente, este livro não é um romance. Tudo isso aconteceu comigo de verdade. No fim das contas, acabei tendo mesmo um assassinato para resolver. Vários, aliás. Mas estou me adiantando.

O fato é que leio muitos romances criminais. Sei que hoje em dia a maioria desses livros tem o que se chama de “narrador não confiável”, uma pessoa que nos conta a história, mas está mentindo quase o tempo todo. Sei também que, ao rememorar estes acontecimentos, corro o risco de ser encaixado na mesma categoria. Então vou me

esforçar para fazer o contrário. Podem me chamar de narrador *confiável*. Vou falar apenas a verdade ou, pelo menos, o que considerava a verdade na época em que achava que sabia a verdade. Podem me cobrar.

Assim, vou seguir os mandamentos 8 e 9 de Knox, porque sou, ao mesmo tempo, Watson e o Detetive. Por fazer os papéis de autor e de investigador, sou obrigado tanto a expor as pistas quanto a não esconder os meus pensamentos. Para resumir: sou obrigado a jogar limpo.

Aliás, vou provar. Para quem só quer ver o sangue escorrer, as mortes acontecem ou são reveladas no finalzinho do [Capítulo 1](#), depois da metade do [5](#), no fim do [8](#), perto do meio do [10](#) (onde acontecem duas) e também passada já metade do [11](#) (mais três). Depois há uma espécie de intervalo, mas a coisa volta a pegar fogo no fim do [Capítulo 21](#), entre o [Capítulo 25](#) e o logo em seguida, no último terço do [26](#), nas frases finais do [27](#), nos últimos parágrafos do [29](#) e outra em algum ponto temporal no decorrer dele (não dá para saber direito), no último trecho do [Capítulo 30](#) e no fim do [40](#). Juro que é verdade, a não ser que a diagramação bagunce tudo. A trama só tem um furo, que é daqueles que dá para passar com um caminhão no meio. Sou propenso a revelar as surpresas antes da hora. E não há cenas de sexo.

O que mais?

Acho que dizer o meu nome ajudaria. Me chamo Ernest Cunningham. Como soa meio velho, as pessoas me chamam de “Ern” ou “Ernie”. Devia ter começado com essa informação, mas prometi ser confiável, não competente.

Considerando o que falei, é complicado saber por onde começar. Acho importante sublinhar que quando disse *todo mundo*, me referia ao meu ramo da árvore genealógica. Se bem que, uma vez, minha prima Amy levou um sanduíche de manteiga de amendoim proibido a um piquenique da empresa, o que acabou fazendo com que a chefe do RH de lá quase tivesse um troço, mas não vou incluí-la na jogada.

Olha, não é como se fôssemos uma família de psicopatas. Alguns de nós são gente boa, outros são maus e alguns só deram azar. Qual é o meu caso? Ainda não sei direito. É óbvio que há a pequena questão do *serial killer* conhecido como “Língua Negra”, que tem a ver com a história toda, além de 267 mil dólares em dinheiro vivo. Mas vamos com calma. Sei que a esta altura você deve estar se perguntando outra coisa. Afinal, falei *todo mundo*. E prometi que não haveria truques.

Se eu matei alguém? Sim. Matei.

Quem?

Vamos começar.

MEU IRMÃO

CAPÍTULO 1

Um único feixe de luz se movimentando através da cortina me informava que meu irmão havia acabado de parar o carro na entrada. Quando saí, a primeira coisa em que reparei foi no farol esquerdo de Michael, apagado. A segunda foi no sangue.

A lua já desaparecera, e o sol ainda estava escondido, mas, mesmo na penumbra, soube na hora o que eram as manchas escuras no farol estilhaçado e em toda a extensão bastante amassada do arco da roda.

Não sou de ficar acordado até tarde, mas Michael havia me ligado meia hora antes. Tinha sido um daqueles telefonemas em que você checa que horas são, quase sem conseguir abrir os olhos, e já sabe que não dá para esperar uma notícia do tipo “você ganhou na loteria!”. Tenho alguns amigos que até ligam às vezes quando estão voltando para casa, do Uber, para me contar todos os detalhes saborosos de uma noitada. Mas não é o caso de Michael.

Ok, isso é mentira. Eu não seria amigo de gente que telefona depois da meia-noite.

— Preciso ver você. Agora.

Ele estava ofegante. Falava de um telefone público, não havia identificação de chamada. Ou de algum bar. Passei a meia hora seguinte tremendo de frio, mesmo vestindo um casaco grosso, e esfregando a janela para me livrar da condensação do ar e ficar de olho lá fora, atento à sua chegada. Havia desistido de montar guarda e voltado para o sofá, quando a luz vermelha do farol alcançou as minhas pálpebras.

Ouvi o carro parando e o motor sendo desligado, mas ele manteve a chave na ignição. Abri os olhos e encarei o teto por um momento,

como se soubesse que a minha vida mudaria assim que me levantasse. Depois fui para lá.

Michael estava sentado no carro, com a cabeça apoiada no volante. Passei pelo feixe que sobrara da luz do farol e dei uma batidinha na janela do motorista. Michael saiu do carro, o rosto cinzento.

— Deu sorte — comentei, apontando para o farol todo arreventado. — Esses cangurus são osso.

— Eu atropeliei uma pessoa.

— Aham. — Eu ainda estava meio dormindo, mal registrei que ele tinha dito *pessoa*, e não *coisa*. Não sabia o que falar nessas situações, então achei que concordar devia ser uma boa ideia.

— Um cara. Atropeliei um cara. Ele tá ali atrás.

Aí eu acordei. *Ali atrás?*

— Como assim *ali atrás?*

— Morto.

— No banco de trás ou no porta-malas?

— Que diferença faz?

— Você bebeu?

— Não muito. — Ele hesitou. — Talvez. Um pouco.

— No banco de trás? — Dei um passo e fiz menção de abrir a porta, mas Michael pôs o braço na minha frente. Parei. — A gente precisa levar o cara para o hospital.

— Ele tá morto.

— Não acredito que a gente tá discutindo isso. — Passei a mão no cabelo. — Michael, na boa. Você tem certeza?

— Esquece o hospital. O pescoço dele dobrou igual a um cano. Metade do crânio tá pra fora.

— Eu preferiria ouvir isso de um médico. Vamos ligar para a Sof...

— A Lucy vai descobrir — disse Michael.

A menção ao nome dela, num tom desesperado, evidenciava a mensagem subliminar: *A Lucy vai me largar.*

— Vai ficar tudo bem.

— Eu bebi.

— Só um pouquinho — falei.

— É. — A pausa foi longa. — Só um pouquinho.

— A polícia com certeza vai enten... — comecei, mas nós dois sabíamos que o nome Cunningham dito em voz alta numa delegacia quase fazia as paredes tremerem com a força dos espíritos que conjurava.

A última vez em que um de nós tinha estado numa sala cheia de policiais havia sido no funeral, em meio a um mar de uniformes azuis. Eu era alto o bastante para conseguir me enrolar no antebraço da minha mãe e novo o bastante para ficar grudado nela o dia inteiro. Por um segundo, imaginei o que a Audrey pensaria da gente naquele momento, encolhidos, numa manhã congelante, discutindo por causa da vida de alguém. Afastei depressa o pensamento.

— Ele não morreu no atropelamento. Alguém atirou nele, eu só atropelei *depois*.

— Aham.

Tentei fingir que acreditava na história, mas existe um motivo para a minha carreira no teatro se resumir basicamente a papéis sem falas nas peças da escola: animais de fazenda, vítimas de assassinato e arbustos. Tentei alcançar a maçaneta do carro outra vez, mas Michael não deixou de novo.

— Eu peguei ele. Achei... sei lá, que era melhor do que deixar largado na rua. Depois não consegui pensar no próximo passo e acabei vindo pra cá.

Não falei nada, só assenti. Família é coisa séria.

Michael esfregava as mãos na boca e falava por entre elas. O volante havia deixado uma pequena marca vermelha na sua testa.

— Não vai fazer diferença pra onde a gente levar ele — disse o meu irmão, finalmente.

— Ok.

— A gente precisa enterrar o corpo.

— Ok.

— Para de dizer “ok”.

— Tá bom.

— Quis dizer pra parar de concordar comigo.

— Então vamos levá-lo para o hospital.

— Você tá do meu lado ou não? — Michael olhou de relance para o banco traseiro, voltou para o carro e ligou o motor. — Vou dar um jeito. Entra.

Eu já sabia que entraria no carro. Não entendo muito o motivo. Parte de mim achava que, no carro, talvez pudesse convencê-lo a ter um pouco de juízo. Mas a minha única certeza era de que ele estava na minha frente, dizendo que tudo daria certo, e não importa que idade se tenha, cinco ou trinta e cinco anos, quando o seu irmão mais velho diz que vai dar um jeito, você acredita. Coisa séria.

Ah, rapidinho: na verdade, nesse ponto da história, eu tinha trinta e oito anos — e agora já são quarenta e um —, mas imaginei que aparar um pouco da idade talvez ajudasse o pessoal que vai promover o livro a arranjar algum ator famoso para o papel.

Entrei no carro. Havia uma bolsa aberta da Nike em frente ao banco do carona, cheia de dinheiro. Não como nos filmes — bem-organizado, em maços impecáveis, presos com elásticos ou pedaços de papel —, mas tudo zoneado, espalhado pelo chão. Só de pisar ali, já era bastante estranho. Não apenas porque havia muito dinheiro, mas também porque — provavelmente — tinha sido ele a causa da morte do homem no banco de trás. Não olhei pelo retrovisor. Tá, olhei um pouco. Mas só vi a protuberância de uma sombra que mais parecia um buraco no mundo do que um corpo de verdade. Sempre que a minha visão ameaçava entrar em foco, eu amarelava.

Michael deu ré. Um copo de licor ou algo do tipo atravessou o painel, chocalhando, caiu no chão e rolou para baixo do assento. No ar, havia notas de uísque. Pela primeira vez na vida, agradei pelo hábito do meu irmão de fumar em ambientes fechados, porque os resquícios da fumaça da maconha no estofado disfarçavam o cheiro de

morte. Ao descer o meio-fio, o carro sacolejou e o porta-malas fez barulho, sinalizando o trinco quebrado.

Tive um pensamento horrível. Farol estilhaçado e porta-malas quebrado: pelo jeito, ele havia atropelado alguma coisa duas vezes.

— Pra onde a gente está indo? — perguntei.

— Hã?

— Você sabe pra onde está indo?

— Ah. Pro parque nacional. Floresta. — Michael olhou para mim, mas não conseguiu sustentar o contato visual. Depois lançou um olhar furtivo para o banco de trás. Aparentemente se arrependeu e se resignou a encarar a estrada. Tinha começado a tremer. — Não sei bem. Nunca enterrei um corpo.

Havíamos dirigido por mais de duas horas quando Michael decidiu que já estava bom de estradas de terra e parou o carro — que mais parecia um ciclope barulhento — numa clareira. Alguns quilômetros antes, tínhamos saído de uma trilha usada para controle de incêndios e dali em diante seguido pelo terreno irregular. O sol já ameaçava querer nascer. O solo estava coberto de neve fofa e ofuscante.

— Aqui já tá bom. Tudo bem por você? — perguntou Michael.

Assenti. Ou pelo menos achei que sim. Pelo visto não havia movido um músculo sequer, porque Michael estalou os dedos em frente ao meu rosto, me forçando a focar. Retribuí com o mais débil movimento de cabeça da história da Humanidade, como se as minhas vértebras não passassem de correntes enferrujadas. Foi o suficiente para ele.

— Não sai daí — ordenou.

Continuei olhando fixo para a frente. Ouvei Michael abrir a porta traseira direita e mexer ali, arrastando o homem — um buraco no mundo — para fora do carro. O cérebro gritava para eu fazer alguma coisa, mas meu corpo era um traidor. Eu não conseguia me mover.

Após alguns minutos, Michael voltou, suado, a testa suja, e se inclinou sobre o volante.

— Vem me ajudar a cavar.

A ordem destravou os meus membros. Esperava sentir o chão gelado, o ruído quebradiço da geada matinal sob os sapatos, mas meu pé afundou até o tornozelo naquela camada branca. Olhei para baixo, atento. O que estava cobrindo o chão não era neve, e, sim, teias de aranha em meio à grama alta e espessa, talvez a mais de trinta centímetros do chão, entrelaçadas de tal forma, grossas e de um branco tão intenso, que pareciam sólidas. O que eu havia identificado como gelo ofuscante era, na verdade, a luz cintilando sobre os filamentos delicados. O rastro dos passos de Michael eram como buracos escuros em meio ao pó. As teias cobriam toda a clareira. Um cenário majestoso, sereno. Tentei ignorar a forma sobre as teias no ponto onde terminavam as pegadas de Michael. Eu o seguia. Era como vadear em meio a uma névoa densa. Ele me levou para longe do corpo, acho que para evitar que eu tivesse um colapso nervoso.

Michael havia trazido uma pequena espátula de pedreiro, mas me fez usar as mãos. Não sei por que concordei em cavar. Tinha passado o caminho todo achando que o medo dele, aquela dose fugaz de tremeliques que o acometera quando saímos, continuaria. Em algum momento, a ficha da enrascada em que ele estava se metendo deveria ter caído, obrigando-o a dar meia-volta. Mas Michael fez o oposto. Saiu da cidade, madrugada adentro, cada vez mais calmo e estoico.

Ele tinha coberto a maior parte do corpo com uma toalha velha, mas ainda dava para enxergar um cotovelo branco, chamando a atenção como um galho caído em meio às teias.

— Não olha — dizia Michael sempre que eu tentava fazer isso.

Continuamos em silêncio por mais quinze minutos, até que parei.

— Continua cavando — pediu Michael.

— Ele tá se mexendo.

— O quê?

— *Ele tá se mexendo!* Olha. Espera.

De fato, a superfície coberta de teias estava tendo espasmos. Mais significativos do que qualquer coisa provocada pelo vento que cortava a clareira. Em vez de uma camada grossa de neve, começamos a ter a impressão de que estávamos encarando um oceano alvo e ondulante. Quase dava para sentir as vibrações em meio aos filamentos, como se eu fosse a aranha que os havia tecido, seu sistema nervoso central.

Michael parou de cavar e ergueu o olhar.

— Volta pro carro.

— Não.

Ele se aproximou do corpo e o descobriu. Fui atrás e só então o vi em toda a sua glória. Uma mancha escura brilhava acima de um dos quadris. *Alguém atirou nele, eu só atropelei depois*, havia falado Michael. Eu não tinha tanta certeza; só vira ferimentos provocados por bala nos filmes. O pescoço do homem estava com um caroço que mais parecia o de alguém que engoliu uma bola de golfe. Ele usava uma balaclava preta, cuja forma não era exatamente a esperada. O tecido estava inchado em pontos estranhos. Quando eu era criança, um valentão da minha escola costumava enfiar duas bolas de críquete numa meia e jogar na minha direção. A balaclava parecia aquilo. Tive a sensação de que a única coisa mantendo a cabeça do homem no lugar era aquele tecido. Havia três buracos, dois para os olhos, que estavam fechados, e um para a boca. Pequenas bolhas vermelhas e pulsantes se acumulavam nos seus lábios. A espuma aumentava e escorria pelo queixo. Não dava para ver as suas feições, mas, pelos braços cheios de manchas e castigados pelo sol, e pelas veias inchadas nas costas das mãos, dava para notar que tinha pelo menos vinte anos a mais do que Michael.

Fiquei de joelhos, entrelacei as mãos e fiz algumas compressões rudimentares. O tórax do homem cedeu de uma forma que eu sabia que não deveria, logo abaixo do esterno. Por um momento, só conseguia pensar que o seu tórax estava igual à bolsa de dinheiro, com o zíper aberto até a metade.

— Você tá machucando ele — disse Michael, pondo a mão debaixo do meu braço.

Ele me puxou para cima e me afastou do homem.

— A gente precisa levar esse cara pro hospital — retruquei, numa última e suplicante tentativa.

— Ele não aguenta até lá.

— Talvez aguente.

— Não aguenta.

— A gente precisa tentar.

— Não posso ir pro hospital.

— A Lucy vai entender.

— Não.

— Você já deve estar sóbrio agora.

— Talvez.

— Não foi você quem matou; você disse que atiraram nele. O dinheiro é dele?

Michael grunhiu.

— Ele obviamente roubou isso — falei. — Faz sentido. Vai dar tudo certo.

— São 260 mil.

Leitor, você e eu já sabemos que na verdade são 267 mil, mas ainda assim fiquei intrigado pelo fato de ele não ter tido tempo de chamar uma ambulância, mas teve para contar por alto o dinheiro. Caso contrário, se fosse um chute, teria dito 250, um número redondo. O jeito de falar também me soou como um apelo. Pelo tom de voz, não deu para saber se Michael estava me oferecendo uma parte ou só expondo um fato que pesava na sua decisão.

— Ern, escuta só, o dinheiro é nosso... — disse ele, começando a implorar. Então ele estava *mesmo* me oferecendo uma parte.

— A gente não pode deixar ele aqui assim, desse jeito. — Então acrescentei, com mais firmeza do que já usara com o meu irmão na vida toda: — Não vou fazer isso.

Michael pensou por um minuto e assentiu.

— Vou ver como ele está — falou.

Ele se aproximou do corpo e se agachou. Ficou assim por alguns minutos. Eu me senti aliviado por ter vindo junto; continuo achando que foi bom. Um irmão mais velho não escuta o mais novo tão fácil, mas Michael precisava de mim ali. E eu tinha conseguido ajudar. O homem estava vivo o tempo inteiro, e a gente iria levá-lo para o hospital. Michael é alto, então tapava um pouco do meu campo de visão, mas dava para enxergar suas costas arqueadas e seus braços estendidos em direção à cabeça do homem. Ele sabia que era importante sustentar o pescoço em caso de lesão vertebral. Os ombros magros de Michael subiam e desciam. Estava realizando uma reanimação cardiorrespiratória, tentando fazê-lo pegar no tranco, igual a um cortador de grama. Eu via as pernas do homem. Reparei que faltava um dos sapatos. Michael já estava naquilo fazia um tempo. Algo estava errado. Já chegamos ao finalzinho do capítulo.

Michael se levantou e voltou para onde eu estava.

— Agora a gente pode enterrá-lo.

Não era isso que ele deveria dizer. Não. Não. Estava tudo errado. Perdi o equilíbrio e caí de bunda. As teias grudentas se prendiam aos meus braços.

— O que aconteceu?

— Ele parou de respirar.

— Parou de respirar?

— É, parou.

— Morreu?

— Morreu.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Como?

— Ele parou de respirar, só isso. Vai esperar no carro.

MINHA IRMÃ POSTIÇA

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Todo Mundo da Minha Família Já Matou A..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).